

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

José Carlos da Silva

Orientador: Prof. Ilso Fernandes do Carmo

ARIPUANÃ/2014

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

José Carlos da Silva

Orientador: Prof. Ilso Fernandes do Carmo

*“Trabalho apresentado como exigência
parcial para a obtenção do título de
Especialização em Psicopedagogia.”*

ARIPUANÃ/2014

RESUMO

Este tema dificuldades de aprendizagem na alfabetização foi escolhido, pois é um dos grandes problemas enfrentados por educadores em sala de aula na comunidade AR2 no município de Aripuanã Mato Grosso.

O trabalho será desenvolvido com três professoras e suas respectivas turmas do primeiro ciclo, período matutino da instituição Municipal Governador Fragelli localizada na comunidade AR2 no Município de Aripuanã-MT, para, então, analisar e refletir sobre o que tem sido feito pelos professores com relação as dificuldades de aprendizagem encontradas, a fim de proporcionar o pleno desenvolvimento social, intelectual e emocional de cada criança, refletindo principalmente sobre a importância da interação professor/aluno, aluno/aluno entre outros. Para a realização desta pesquisa foi necessário um estudo bibliográfico e uma pesquisa de campo, foi elaborado um questionário com entrevista aberto semi estruturado com aproximadamente cinco questões objetivas.

Conclui-se que é necessário o professor conhecer bem o aluno, e se possível também manter diálogo com a família para que não haja prejuízos no que se diz respeito à aprendizagem. Cada educador deve propiciar ao educando diferentes possibilidades para proporcionar a aprendizagem, ou seja o professor deve ser o mediador e facilitador do processo e levar a criança a utilizar sua imaginação e criatividade através de atividades lúdicas e prazerosas e assim possibilitar uma aprendizagem significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldades de aprendizagem, Alfabetização, aprendizagem significativa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
CAPÍTULO I	
1.0 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PRIMEIRO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO	08
1.1 TEORIAS DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO.....	10
1.2 DIFERENÇAS CULTURAIS E AS POSSÍVEIS CAUSAS DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	14
1.3 ABORDAGENS SOBRE PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM.....	16
1.4 AS DIFICULDADES NA LEITURA E NA ESCRITA.....	17
1.5 COMPREENDENDO O PROCESSO DE LEITURA/ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO.....	21
CAPÍTULO II	
2.0 A IMPORTANCIA DA ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO CICLO.....	23
CAPÍTULO III	
3.0 METODOLOGIA.....	30
3.1 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade abordar o tema Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização, por ser um dos grandes problemas enfrentado pelos educadores em sala de aula, assunto dos mais polêmicos na área educacional. A alfabetização constitui um dos mais sérios problemas nas escolas principalmente para as séries iniciais, caracterizando-se como fator de discriminação das crianças de classes desfavorecidas, incapazes de responder à proposta pedagógica que a escola apresenta.

O que se observa na maioria deles é, na verdade, um total desconhecimento da criança com a qual se trabalha suas características e peculiaridades, tendo em vista o meio onde vivem (costumes, dialeto, cultura, condições econômicas e sociais).

São muitos os educadores que não sabem em que aspecto se centra a cognição da criança, em cada estágio de desenvolvimento ela se encontra e logo pensam que a dificuldade é nata e a providencia a ser tomada para qualquer problema dessa ordem é encaminhar a criança a um psicólogo (onde este poderá resolver os problemas da dificuldade de aprendizagem).

A Psicologia veio para ajudar a Pedagogia, a repensar sua prática, investigando mais as relações ensino aprendizagem, sem falar da psicopedagogia onde todos os conceitos com o aprender estão sendo considerados.

Nas últimas décadas foram desenvolvidas várias pesquisas na área da psicologia, procurando compreender o funcionamento da mente humana diante das situações de aprendizagem. A mudança do ponto de vista de como o indivíduo aprende levou educadores a pensar a aprendizagem de um modo mais amplo.

As pesquisas de Piaget serviram de base para que Emília Ferreiro (psicolinguista) desenvolvesse seus estudos em uma área onde ainda não havia sido objeto de investigações científicas: da aquisição da escrita. *“Se entendermos a aquisição da escrita como produto de uma construção ativa, ela supõe etapas de estruturação do conhecimento.”* (FERREIRO, 2001, p. 25).

Dada a relevância do assunto tratado, proponho a conceituação de como são vistas as Dificuldades de Aprendizagem, bem como conceituarei a Escrita,

Leitura, Alfabetização, como estas práticas podem estar associadas e que permeiam as discussões em nossas escolas.

A iniciativa de trabalhar com este tema surgiram a partir de uma observação onde se percebeu que há um número significativo de crianças nas Séries Iniciais que apresentam muitas dificuldades de aprendizagem. São crianças que estão condenadas ao fracasso antes mesmo que se esgotem todas as possibilidades didático-pedagógicas em alfabetizá-las, uma vez que na escola investigada não possui articulação, um apoio psicopedagógico específico que atenda suas defasagens curriculares.

Ao se propor este trabalho monográfico, acreditamos que se pode contribuir de forma bastante significativa para a superação das dificuldades de aprendizagem apresentadas por crianças que compõem uma parcela significativa da população do campo do Município de Aripuanã MT, que não conseguem apreender as habilidades necessárias para o domínio da leitura, escrita e cálculos. No projeto se propõe operacionalizar uma prática pedagógica que reflita coletivamente sobre a proposta pedagógica das escolas, sobre o planejamento das atividades educativas, sobre as estratégias e recursos de ensino-aprendizagem e de avaliação com um enfoque ao ensino e aprendizagem e avaliação visando garantir que todos os alunos aprendam.

Acreditamos que para a superação dos problemas de ensino é necessário um planejamento que inclua atividades diversificadas, individuais e lúdicas, estudo constante, dedicação e muita competência, pois será necessário investigar as teorias de aprendizagem e colocá-las em prática, conhecendo também a história familiar do educando que é o ponto primordial para se ter uma boa educação, bem como proporcionar situações de agir/refletir/agir compatíveis com os objetivos educacionais, metodologias e conteúdos programáticos na Alfabetização e o domínio por parte dos graduandos do conhecimento pedagógico e científico da aprendizagem da criança com dificuldades.

Oferecendo subsídios necessários para aprimorar a prática pedagógica facilitando assim o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, visto que existem muitas crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, passar a compreender e apropriar se das metodologias mais utilizada entre os profissionais da educação na Alfabetização e Letramento e trabalhar com atividades

diversificadas e lúdicas a fim de contribuir significativamente para a aprendizagem dos alunos.

Algumas problemáticas surgiram no decorrer deste processo e serão analisadas criticamente sendo elas: Qual é a maior dificuldade que os alunos possuem na aprendizagem? Qual a contribuição da gestão escolar para facilitar este processo de ensino e aprendizagem? Existe algum programa implantado pelo MEC que contribuiu para a sua prática pedagógica? Qual? Qual a contribuição da família na aprendizagem dos filhos? Que estratégias você enquanto educador esta buscando para facilitar a aprendizagem desses alunos?

A pesquisa será desenvolvida na Escola Municipal Governador Fragelli localizada na comunidade AR2 no Município de Aripuanã-MT, através de coleta de dados e pesquisas em livros, internet, revistas, apostilas entre outras. O trabalho de campo será realizado através de uma entrevista com três professoras do primeiro ciclo, questionários elaborados com cinco questões objetivas; registros de imagens entre outros. A pesquisa acontecerá durante os meses de maio, junho, julho e agosto do ano de 2013 estando em campo 2 (duas) vezes na semana e utilizando recursos como: máquina fotográfica, conversa informal, participação em atividades teatrais, jogos pedagógicos e também em contação de histórias de diversos gêneros literários dando enfoque sobre as dificuldades encontradas para proporcionar uma aprendizagem significativa dos mesmos.

O trabalho aqui exposto tem o intuito de buscar algumas soluções para as problemáticas existentes nesse meio. Objetivou-se aqui analisar e refletir sobre o que tem sido feito pelos professores com relação às dificuldades de aprendizagem encontradas, a fim de proporcionar o pleno desenvolvimento social, intelectual e emocional de cada criança, refletindo principalmente sobre a importância da interação professor/aluno, aluno/aluno entre outros.

No primeiro capítulo será exposto as dificuldades de aprendizagem no primeiro ciclo de alfabetização, algumas teorias sobre aprendizagem na alfabetização, algumas diferenças culturais e as possíveis causas das dificuldades de aprendizagem, algumas abordagens sobre problemas de aprendizagem, as dificuldades encontradas no ato da leitura e escrita, bem como uma compreensão sobre o processo de leitura e escrita na alfabetização. No segundo capítulo falar-se-á sobre a importância da alfabetização no primeiro ciclo. E no último capítulo faz-se

uma breve exposição da metodologia utilizada para a realização desta, bem como a análise da prática pedagógica.

CAPÍTULO I

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PRIMEIRO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Um dos grandes problemas enfrentados por educadores em sala de aula é a Dificuldade de Aprendizagem, apesar dos recursos e reforços empregados para promover a aprendizagem. Uma vez que as dificuldades de aprendizagem são definidas como problema que interfere no domínio das habilidades escolares básicas, elas só podem ser formalmente identificadas até que a criança comece a ter problemas na escola.

Para CAGLIARI (1998), é comum encontrarmos professores que se angustiam diante da impossibilidade de fazer com que os alunos obtenham sucesso escolar. Quando se deparam com tais limites, esses educadores, muitas vezes, fazem o encaminhamento destas crianças á especialistas da área educacional ou a psicólogos, na busca de auxílio para que o processo ocorra de modo satisfatório. Muitas vezes, os professores se antecipam muito no diagnóstico e não “esperam para ver”, pois o aluno pode simplesmente estar passando por “uma fase ruim” (separação dos pais, morte na família, nascimento de um irmão, mudança de escola ou de professora ou até por problemas de saúde entre outros).

Portanto é necessário o professor conhecer bem o aluno, e se possível também manter diálogo com a família para que não haja prejuízos no que se diz respeito à aprendizagem.

Segundo SOARES (2003), até bem pouco tempo, crianças que apresentavam, problemas de aprendizagem eram encaminhadas para Classes ou Salas Especiais, onde ofereciam um ensino diferenciado, com isso, acabava-se por tornar-se um estigma, que parte de um segmento social marginalizado, onde as oportunidades de ampliação de suas potencialidades eram muito reduzidas, na maioria das vezes, a criança com dificuldade de aprendizagem, passava a ser considerada, como incapaz de criar e construir conhecimentos, muitas vezes as crianças regrediam na aprendizagem.

Nas Teorias atuais da educação, pede-se que haja uma interação entre alunos que sabem e alunos que não sabem, pois esta troca possibilita o melhor desempenho dos pares.

Mesmo na atualidade, com tantos avanços em termos de pesquisas e conhecimento, não podemos ignorar que diante de qualquer desvio de padrão de comportamento, principalmente na escola, a primeira justificativa que tentamos arranjar para a explicação é um possível problema mental. Para LIMA (2003), as dificuldades de aprendizagem, geralmente são mais evidentes nas áreas que mais interferem na aquisição de habilidades básicas em leituras, matemática e escrita, áreas mais valorizadas de nossa sociedade.

Para CARVALHO (1997, p. 14)

Problema de aprendizagem é considerado um sintoma que expressa algo. O não aprender tem uma função tão integradora quanto o aprender. A aprendizagem é um processo que se dá na presença de um objeto e envolve o que Piaget denominou de assimilação e acomodação. Portanto, a aprendizagem se desenvolve dentro de um campo de relações.

Mas quando falamos em “aprendizagem e dificuldade de aprendizagem”, não se pode deixar de lembrar da Teoria das Inteligências Múltiplas, elaborada a partir dos anos 80 por pesquisadores americanos, que acompanharam o desenvolvimento profissional de alunos considerados fracos.

Pesquisadores ficaram surpresos quando constataram que muito desses alunos tiveram sucesso profissional, concluiu-se que as formas de avaliação utilizadas nas escolas estão limitadas à competência lógica-matemática e lingüística, por isso ampliou o conceito de inteligência única para o feixe de capacidades, identificando sete inteligências: lógica-matemática, lingüista, espacial, corporal – sinestésica, pictórica, interpessoal e intrapessoal. Para que a inteligência seja considerada como uma possibilidade, estabeleceu critérios que vão desde sua possível manifestação em todos os grupos culturais até a localização de sua área no cérebro.

A indagação dificuldades na aprendizagem deve ser vista com bastante cautela por que as causas não são limitadas a explicação física ou psicológica nem a análise de conjunturas sociais exclusivamente, mas sim a partir de um enfoque multidimensional que deve englobar fatores orgânicos, afetivos, sociais, cognitivos e pedagógicos em articulação com o social. (CARVALHO, 2000, p.105)

Portanto, devemos ser criteriosos ao analisarmos qualquer problema que diga respeito à dificuldade de aprendizagem.

A criança até bem pouco tempo, foi vítima de vários julgamentos equivocado e parcial, nunca a viram por inteiro, sempre deixaram de considerar suas emoções e sentimentos.

Segundo FLETCHER (2009), mesmo com os avanços nas pesquisas neurológicas, foram comprovadas as praticidades do cérebro que mesmo lesado, tem condições de se reconstituir e garantir seu funcionamento, bem como a psicologia e a psicanálise, cujos estudos estão sendo significativos no sentido de colaborar para que a criança seja também considerada como também dotada de sentimentos, que desde a vida intra-uterina influenciam o seu comportamento.

Os estudos realizados pela Psicologia educacional servem para ajudar a Pedagogia a repensar sua prática, investigando mais profundamente a relação ensino aprendizagem, e quando estes profissionais entram e atuam integralmente, dá um novo impulso à questão.

Para FLETCHER (2009), com o surgimento e contribuições da Psicopedagogia, todos os conceitos envolvidos no aprender estão sendo reconsiderados. Aprendizagem por exemplo, estendeu-se o conceito para além do conhecimento formal, acadêmico, qualquer sujeito, independente do seu comprometimento corporal, orgânico, cultural ou psicológico se relaciona e elabora a aprendizagem, pois é um ser social, que estabelece relações em toda sua existência.

Uma dificuldade de aprendizagem deverá ser investigada tanto com base nas estruturas do aprendiz, verificando qual é a estrutura fragilizada que poderá explicá-la, bem como se baseando nas condições ambientais que promoveram ou dificultaram a aprendizagem.

1.1 TEORIAS DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

Vários estudiosos buscam explicações para os problemas de aprendizagem, no entanto serão abordadas neste sub tema duas teorias: a Teoria cognitivista e a Teoria Organicista acredita - se que estas vem colaborar com este assunto.

A Teoria Cognitiva, segundo BONAVIDES (2006), foi desenvolvida pelo suíço Jean Piaget (1896 – 1980) apareceu e se desenvolveu na França e nos EUA, logo depois da Segunda Guerra Mundial, nasceu da psicologia e pretendeu fazer críticas à concepção organicista. Busca as origens da dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita na inteligência, na percepção, nas imagens, na integração de

sentidos auditivos e visuais, na memória imediata, na atenção seletiva e na linguagem, ou seja, naquilo que ela denomina de déficits cognitivos.

O problema de aprendizagem é considerado um sintoma que expressa algo. O não aprender tem uma função tão integradora quanto o aprender. A aprendizagem é um processo que se dá na presença de um objeto e envolve o que Piaget denominou de assimilação e acomodação. Portanto a aprendizagem ocorre num campo de relações. (GOMES, 2000, p.24).

BONAVIDES (2006) relata sobre a Teoria Organicista - surgiu na França no Século XIX, da medicina: os médicos localizavam as dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita no cérebro. Alguns estudiosos defenderam que tais dificuldades são inatas, outros que são adquiridas, e ainda outros que não entram na polêmica do inato/adquirido e localizam-nas na maturação do sistema nervoso central.

O problema de aprendizagem está implícito, quando se questiona porque o aluno não aprende. Todavia uma definição clara e abrangente do termo é difícil. Pode-se afirmar facilmente que o enfoque orgânico serviu de reflexão, durante muitos anos, a educadores e terapeutas que lidam com esta questão. (CARVALHO, 2000, p.97).

Para os problemas de aprendizagem, segundo PAÍN (1985), citado por SCOZ (2000, p.127)

a não aprendizagem não é o contrário de aprender, que diferentes fatores determinam o não aprender, essa autora considera que o problema de aprendizagem também pode ser considerado como um sintoma. Nessa concepção são múltiplos os fatores que determinam o não aprender, que podem ser orgânicos relacionados com aspectos anatômicos, fatores específicos, como por exemplo transtornos na área da linguagem, fatores psicogenéticos, fatores ambientais...

Hoje sabemos que são muitos os fatores que determinam a aprendizagem e a não aprendizagens, profissionais da área, procuram observar, levantando hipóteses, reavaliando-as, reformulando-as constantemente com base no trabalho reflexivo, investigador e questionador.

Segundo pesquisas de VYGOTSKY (1989, p.97), citado por GOMES (2000, p.23)

a interação faz com que a criança aprenda ..., que o meio pode ser favorável à aprendizagem: temos então o conceito elaborado por ele de: Zona de Desenvolvimento Proximal - Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o Nível de Desenvolvimento Potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (...).

Sendo assim devemos criar as oportunidades e deixar que nossos alunos participem de atividades extraclasse com crianças de diferentes faixas etárias, assim

estamos dando oportunidade dela aprender com o outro... Não tentando que fazer com que eles aprendam o conteúdo de forma tradicional, isso memorizando.

Durante muitos séculos, na escola, memorizar foi sinônimo de decorar nomes, datas, fórmulas etc. afinal eram sempre estes conhecimentos exigidos, nas provas, nas chamadas e nos testes. Com base nos estudos sobre o processo de aprendizagem da criança, conclui-se que a decoreba era inimiga da educação. E a memória – confundida com repetição- foi posta em castigo. Um grande erro. A memória é a base de todo o saber – porque não dizer, de toda existência humana, desde o nascimento. Como tal deve ser trabalhada e estimulada.

“É ela que dá significado ao cotidiano e nos permite acumular experiências para utilizar durante toda a vida”. (LIMA, 2003 p. 42)

Para LIMA (2003), nos últimos vinte anos a Neurociências avançou muito nas descobertas sobre o funcionamento do cérebro. Hoje se sabe o que acontece quando ele está captando, analisando e transformando estímulos em conhecimento e o que ocorrem nas células nervosas quando elas são requisitadas a se lembrar do que já foi aprendido. Com isso o professor pode aprimorar suas estratégias de ensino. Estão provadas, por exemplo, as vantagens de estabelecer ligações com o conhecimento prévio do aluno ao se introduzir um novo assunto e de se trabalhar também a emoção em sala de aula. O cérebro responde positivamente a essas situações ajudando a fixar não somente fatos, mas também conceitos e procedimentos.

Se um estudante não aprende um conteúdo é porque não encontrou nenhuma referência nos arquivos já formados para abrigar a nova informação e, com isso, a aprendizagem não ocorreu. Nada adianta insistir no mesmo tipo de explicação. (LIMA, 2003, p. 44).

Cabe ao professor oferecer outras conexões, ou seja, usando abordagens diferentes e estimulando outros sentidos. Daí a importância de se investigar o conhecimento prévio da turma, recordar conteúdos de aulas anteriores para formar o “gancho”, e dispor de diferentes estratégias de ensino.

Para FLETCHER (2009), o cérebro funciona em módulos cooperativos, que se ajudam na hora de elaborar informações. Quanto mais caminhos levarem a elas, mais fácil será o regate. Se um conceito estiver ligado simultaneamente a uma imagem e a um som, pelo menos três áreas diferentes do cérebro trabalharão para recuperá-lo, por isso, inventar uma imagem simbólica – associar conceitos e formas,

palavras a sons, cores a significados e assim por diante- é um hábito extremamente saudável. Sair do concreto faz com que determinadas informações sejam guardadas sob várias chaves, como se fossem fichas de armazenamentos, oferecer mecanismos e estimular cada aluno a criar as próprias associações para os conteúdos que devem ser armazenados, é nossa tarefa como professores.

Segundo BOSSA (2000), o papel da emoção também é fundamental para a aprendizagem, pois os sentimentos regulam e estimulam a formação e vocação de memória. São eles que provocam a produção e a interação de hormônios, fazendo com que os estímulos nervosos circulem mais nos neurônios. Ensinar os alunos a reconhecer suas emoções, saber categorizá-las e comunicá-las, ajudá-los a serem mais confiantes e conseqüentemente fortalece sua auto - estima o que é de suma importância para a aprendizagem.

Nos nossos dias, cada vez fica mais evidente que também, se faz necessário considerar o aspecto orgânico como importante na avaliação do problema de aprendizagem, como também a classes econômicas, onde foram comprovados casos em crianças que não tem uma alimentação saudável apresentam grande dificuldade em aprendizagem... No entanto, também é necessário que os aspectos cognitivos e afetivos sejam ponderados na elaboração do diagnóstico, como também no tratamento indicado.

Para GOMES (2000), um fato curioso chama a atenção, os professores muitas vezes atribuem à família a causa das dificuldades de aprendizagem dos alunos apegando-se aos mais diversos motivos, dentre eles pais separados ou alcoólatras. Outras vezes, apegam-se a fatores individuais: dessa forma, pode-se dizer que os professores visualizam panoramicamente os fatores que interfere na aprendizagem, entretanto apresenta, na prática, dificuldade de entender e aceitar que um aluno em particular não aprende devido a vários fatores. Isto quer dizer que para um aluno busca-se uma causa, já para outro aluno busca-se outra, esquecendo-se que vários desses fatores podem ser ao mesmo tempo evidenciados num único indivíduo.

Além desses fatores, não se pode deixar de levar em conta níveis econômicos e culturais em que o grupo familiar da criança se encontra, bem como o tipo de escola que freqüenta, uma vez que, que se forem bem entendidas e encaminhadas às dificuldades de aprendizagem, as crianças/alunos podem ter

assegurado uma relação muito mais harmônica, coerente e saudável com o conhecimento.

É também muito importante ressaltar que equipes multidisciplinares, compostas por médicos, Pedagogos, Psicopedagogos, Neuropsicólogos, Psicólogos, Professores e demais profissionais envolvidos, cada vez mais, se colocam a serviço de casos e problemas de aprendizagem, colaborando para que as crianças encaminhadas possam desfrutar plenamente de sua cidadania.

1.2 DIFERENÇAS CULTURAIS E AS POSSÍVEIS CAUSAS DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A dificuldade de aprendizagem é a causa do fracasso escolar nas escolas públicas, onde também grande maioria dos educadores tenta remediar os efeitos às práticas pedagógica que fracassam, buscando na Psicologia, na Sociologia e na Medicina justificativas científicas para o fracasso escolar de crianças principalmente das camadas populares desfavorecidas.

Para FLETCHER (2009), a teoria da carência cultural responsabiliza as crianças pobres a sua família pelo insucesso na alfabetização. Não questiona o papel da escola na produção do fracasso, apenas sugere mudanças curriculares, a fim de ajustar a criança “carente” à sociedade, e apresenta como soluções programas especiais que busquem compensar suas deficiências, onde acabam depositando nos alunos toda culpa da não-aprendizagem, sem que o processo escolar e social em que estas são produzidas seja levado em conta pelos educadores, principalmente das escolas públicas.

Segundo Magda Soares (1985, p.9-14), citado por CARVALHO (2000:48), onde ela analisa as relações dentre linguagem e escola para compreender o problema da educação nas camadas populares,(...):

A escola existe é antes contra o povo do que para o povo, explicando **teoria do Dom**, o que quer dizer que se a criança não aprende é porque não tem aptidão, desconsiderando a maneira de como o ensino é ministrado. Das ideologias da deficiência cultural e das diferentes lingüísticas. A escola tem a função de adaptar e ajustar o aluno segundo suas características individuais e aptidões, assim o fracasso do aluno tem explicação na sua incapacidade de adaptar-se e ajustar-se ao que lhe foi oferecido. Na segunda as desigualdades sociais é que seriam responsáveis

pelas diferenças no rendimento dos alunos na escola,. Por fim, a responsabilidade pelo fracasso escolar dos alunos provenientes das camadas populares cabe á escola, que trata de forma discriminativa a diversidade cultural, transformando as diferenças em deficiências.

Em consonância com a teoria da diferença cultural se encontram os estudos de natureza sociolingüística que atribuem o fracasso escolar na alfabetização das crianças, principalmente, *“problemas decorrentes da distância entre a variedade escrita do dialeto padrão e os dialetos não padrões de que são falantes essas crianças.”* (SOARES, 2003, p.69).

Estudo sociolingüísticos tem-se voltado também para a função social da escrita onde segundo SOARES (2003, p.70)

(...) é necessário conhecer o valor e a função da escrita, atribuídos a língua escrita pelas camadas populares, para que se possa compreender o significado que tem, para as crianças pertencentes a essas camadas, a aquisição da língua escrita – esse significado interfere, certamente em sua alfabetização.

O que ocorre nas escolas das camadas populares é o aprendizado quando a criança aceita o que o professor/escola lhe propõe a ensinar. O “resto” são fracassos, os quais a escola acusa de incapacidade para a aprendizagem ou de dificuldade de aprendizagem.

Nessa perspectiva, sucesso ou fracasso na alfabetização é explicado a partir de características individuais de desenvolvimento cognitivo e da inalteração da escola em identificar e considerar essas características de apropriação na apropriação da leitura e escrita.

Para SOARES (2003), tanto a psicogênese quanto à teoria da Diferença Cultural propõe uma mudança por parte dos professores, enfatizando o respeito aos padrões culturais e lingüísticos e a forma de pensamento da criança das camadas populares. Contudo, na prática, o professor mesmo consciente da necessidade de respeitar os padrões culturais, continua a valorizar os padrões culturais e lingüísticos da classe dominante.

Ler e escrever, segundo a autora SOARES (2003), são atividades cognitivas, isto é, atividades de processamento de informação, que partilham com falar e compreender a fala o fato de a informação processada de natureza lingüística. Porém, enquanto falar e compreender a fala são características biológicas da espécie humana e é adquirido na infância por mera exposição à linguagem oral, ler e escrever podem se adquirir em qualquer idade e requerem

instrução. Alguns tipos de patologias podem impedir a aquisição normal da linguagem oral, mas nenhum governo tem enfrentado em relação à falta de linguagem oral, os problemas que todos enfrentam relativamente à falta de ou a insuficiência de aprendizagem da linguagem escrita. Em relação à maneira de se adquirir a linguagem oral nunca se discutiu, quer em tempo, quer em paixão – como se discuti a propósito dos métodos de ensino da leitura e da escrita.

Dada relevância ao tema Dificuldade de Aprendizagem, conceituarei todos os aspectos que julgo fazer parte do processo.

1.3 ABORDAGENS SOBRE PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

Mais recentemente os Psicopedagogos, a luz das contribuições de diversas áreas do conhecimento como, por exemplo, a Psicologia, Sociologia, Antropologia, Lingüística, Psicolingüística, segundo SOARES (2003), vem reformulando suas análises sobre os problemas de aprendizagem.

Destacam-se entre outras, contribuições de Ferreiro, que segundo SOARES (2013), partindo das teorias piagetianas, busca novos caminhos para o entendimento da construção da aprendizagem de leitura e da escrita e redimensiona a concepção de problema de aprendizagem ao considerar muitos erros freqüentes cometidos nas produções orais e escritos como hipótese que a criança elabora na construção do próprio conhecimento.

Emilia Ferreiro, psicóloga e pesquisadora Argentina, segundo SOARES (2003) fez seu doutorado na Universidade de Genebra, sob a orientação de Jean Piaget, desde 1974, em Buenos Áries, como docente iniciou seus trabalhos experimentais, que deram origem aos pressupostos teóricos sobre a psicogênese do sistema da escrita, que para muitos, veio a tornar-se um marco na transformação do conceito de aprendizagem da escrita pela criança.

Quando trabalhamos com Alfabetização temos como referencial as obras de Emilia Ferreiro, pois a autora é citada por vários estudiosos e pesquisadores, onde seus trabalhos de acordo com a autora SOARES (2003), ganham muita relevância quando se fala em alfabetização, ela não criou métodos de alfabetização como ouvimos falar em nossas escolas, e sim procurou observar como se realiza a

construção da linguagem para a criança, os resultados de suas pesquisas permitem, que conhecendo como a criança concebe o processo da escrita, as teorias pedagógicas e metodológicas, apontem caminhos, afim de que erros mais freqüentes daqueles que alfabetizam possam ser evitado, desmistificando certos mitos vigentes em nossas escolas.

O ato de leitura deve ser concebido como um processo de coordenação de informações de procedência diversificada com todos os aspectos inferenciais que isso supões, e cujo objetivo final é a obtenção de significado expresso linguisticamente. (FERREIRO, 2001, p.66)

Aqueles que são alfabetizadores, certamente se deparam com muitos problemas e também com certos colegas professores que logo no primeiro mês de aula, estão falando a respeito dos alunos: não tem maturidade para aprender certos ensinamentos, devido a problemas familiares não aprendem, é muito fraco de cabeça, não fez uma boa pré-escola e tanto outros comentários parecidos.

A escrita da criança não resulta de simples cópia de um modelo externo, mas um processo de construção pessoal, as crianças reinventam a escrita, no sentido de inicialmente precisam compreender seu processo de construção e suas normas de produção. *“Ler não é decifrar, escrever não é copiar”*. (FERREIRO in: revista Nova Escola, 2001, p.28).

Muito antes de começarem o processo formal de aprendizado da leitura/escrita, de acordo com SOARES (2003), as crianças constroem hipóteses sobre seu objeto de conhecimento, isso é , a grande maioria das crianças de seis anos faz corretamente a distinção entre o texto e o desenho, sabendo o que pode ler é o que contem letras, embora ainda persistam as hipóteses de que tanto se pode ler letras como desenhos.

A criança tem a sua frente uma longa estrada, até chegar a leitura e a escrita da maneira que nós, adultos, a concebemos, percebendo que a cada som corresponde a uma determinada forma; que há grupos de letras separadas por espaço em branco, grupos que correspondem a cada uma das palavras escritas.

1.4 AS DIFICULDADES NA ESCRITA E LEITURA

A relação entre letra e som é muito complexa. Isso explica por decifrar e escrever o nosso sistema de escrita é uma tarefa que exige muito conhecimento. A relação entre letras e som não são exatamente as mesmas.

Para ler são necessários alguns conhecimentos e, para escrever, além dos relacionados à leitura, são necessários conhecimentos complementares.

Sobre a escrita nos afirma CAGLIARI (1998: 13)

Ela pode ser tomada como uma das causas principais do aparecimento das civilizações modernas e do desenvolvimento científico, tecnológico e psicosocial da sociedade nas quais foi adotada de maneira ampla. Por outro lado não podem ser esquecidos fatores como as relações de poder e dominação que estão por trás da utilização restrita ou generalizada de um código escrito...

Se a criança estiver sempre em contato com atividade da escrita, usando a linguagem escrita, a interiorização desse conhecimento se dará sem trauma e a criança se apropriará de uma linguagem escrita.

É preciso considerar que a apropriação da linguagem escrita, não é idêntica em todas as crianças.

A escrita só constitui um objeto de atenção e de conhecimento para a criança segundo a autora SOARES (2003), se o meio cultural garantir a presença dessa escrita para a qual a criança tente entendê-la e conhecê-la. A interação com o adulto letrado, que possam responder às atitudes da criança para com a escrita, interpretando-as como significativas, dando-lhes sentido, é, senão imprescindível, senão importante para que a criança constitua como objeto de sua atenção e conhecimento. É por isso que o contexto social letrado é facilitador do processo de alfabetização.

Para a conquista do domínio da linguagem pela criança, não é suficiente deixar o aluno apenas em contato com o material para que ele se alfabetize por si só. É por isso que não basta à criança entender que a escrita é alfabética e apenas reconhecer os grafismos e copiá-los.

Para FERREIRO (2004), o processo de construção da leitura e escrita, constatou um engano na abordagem pedagógica ligada à alfabetização: a leitura e a escrita são consideradas como um código de transcrição gráfica. Neste enfoque para aprender o aluno deverá fazer conversões das unidades sonoras (fonemas) em

unidades gráficas (grafemas), transformando a aprendizagem na aquisição de uma técnica. Tal enfoque valoriza o ponto de vista do adulto como base na sua intuição.

a leitura e escrita não constituem um código de transcrição e sim um sistema de representação da linguagem e sua aquisição é um processo conceitual. E sua grande contribuição, foi à mudança de enfoque do como se ensina para como se aprende.(FERREIRO, 2004, p.9).

Portanto, é preciso que no processo de aquisição da linguagem escrita, o desenvolvimento, a aprendizagem e as elaborações mentais tenham como origem nas relações sociais. Convém lembrar ainda que a linguagem escrita demanda um plano mais elevado de abstração, pois passa pela elaboração das representações complexas da correspondência e grafema-fonema (letra-som) e exige a criação de um interlocutor a ser imaginado, enquanto a linguagem oral é precedida de um motivo, de uma pergunta, de uma aprovação ou mesmo de um comentário do interlocutor.

É por isso que a linguagem escrita precisa de uma planificação maior. É o professor que precisa criar motivos para a realização da linguagem escrita: a criança precisa encontrar para razões escrever, as mesmas razões para falar. Essa prática com a linguagem não pode se restringir a exercícios repetitivos, nem a listagens e nomenclaturas.

A dimensão significativa da linguagem segundo FERREIRA (2001) deve envolver interação do ponto de partida a ponto de chegada, desde as produções orais que o aluno faz ao chegar na escola, até a produção de textos mais elaborados.

A escrita é uma representante da linguagem. No entanto, não representa todos os aspectos da linguagem. De fato, segundo a linha de raciocínio de FERREIRA (2004) a humanidade tem criado e utilizado diferentes sistemas de escrita, os quais representam aspectos diferentes da estrutura da linguagem. Assim a afirmação que a escrita representa a linguagem, embora correta, pode, por falta de especificação, conduzir a erros de compreensão do que são habilidades de leitura e de escrita e como são adquiridas.

Nos países europeus e nos que resultaram da colonização européia, como é o nosso caso, o sistema de escrita é alfabético. Os diferentes alfabetos segundo SOARES (2003) são como as escritas silábicas, os sistemas fonográficos, isso é a

representam unidades fonológicas. A especificidade do alfabeto é de representar certo nível de estrutura fonológica, o nível dos fonemas.

Não é fácil definir exatamente o que são fonemas e é freqüente encontrar a expressão “som elementar” no lugar de fonema. A verdade segundo FERREIRA (2004) é que o fonema, por exemplo, / b/, não é um som, embora tenhamos a impressão de ouvir em “ba” ou em “bi” uma consoante inicial . Mas não é a consoante que ouvimos. Em ambos os casos, ouvimos uma sílaba e sabemos que ambas começam com um “b”...

Ao dizermos “b”“b”...., necessariamente seguido por uma vogal, por mais neutra que seja , não estamos pronunciando um fonema e sim uma sílaba.

A diferença importantíssima entre nós, professores, e a criança que ainda não começou a aprender a ler ou adulto analfabeto, é que de acordo com FERREIRA (2004) eles não sabem que cada uma dessas sílabas tem a mesma consoante inicial.

A dificuldade em conceber o fonema segundo SOARES (2003), vem do fato que não existe um equivalente acústico de uma consoante como “b”, “d”, ou “g” que não dependa da vogal que esta associada. Isso pode ser verificado considerando-se a representação acústica das sílabas que começam com a mesma consoante e diferem entre elas pela vogal. Essa não realidade física do fonema é a primeira razão de aprendizagem da leitura em um sistema alfabético ser uma tarefa difícil.

Segundo FERREIRO (2004), não podemos de deixar de lado problemas de pronuncia que a criança apresenta, pode ser necessariamente só um problema cultural ou regional ou ser “deslexia”, onde a criança apresenta dificuldade em ler, independente do grau de desenvolvimento intelectual e da capacidade geral de aprendizagem. As dislexias, muitas vezes, são acompanhadas de incapacidades para a escrita, a disgrafia, ou ainda para os números, a discalculia. Considera-se uma síndrome de características psicológicas, psicomotoras, sensórias e neurológicas, embora alguns especialistas consideram que o sintoma mais importante é o desajustamento emocional e social, ficando claro, portanto que a dimensão orgânica persiste, atualmente, nos meios escolares como forma de explicar os problemas de aprendizagem.

1.5 COMPREENDENDO O PROCESSO DE LEITURA/ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO

Ao contrário de que muita gente pensa, inclusive professor de alfabetização para alguém ser alfabetizado não precisa aprender a escrever, mas sim a aprender a ler. Ou seja, no processo de alfabetização, o professor poderia prescindir do ensino da escrita, mas não da leitura. Em outras palavras, segundo FERREIRA (2004), a alfabetização realiza-se quando o aprendiz descobre como o sistema de escrita funciona. De posse desse conhecimento, escrever nada mais é do que colocar no papel esse conhecimento fornecido pela leitura. Portanto, o segredo da alfabetização está na leitura, ou seja, a decifração da escrita.

A descoberta do mundo da escrita é mais fácil para alguns alunos do que para outros, em casa onde há livros revistas, onde as pessoas lêem e escrevem, logo cedo se interessam por essa atividade e sabem coisas a respeito da escrita e seu funcionamento, a não ser em casos de necessidades especiais específicas.

Conhecer que as letras são unidades do alfabeto que representam o som vocálico ou consonantais, que elas constituem as palavras. Variam na forma gráfica e no valor funcional... (CAGLIARI, 1998, p.121).

Portanto, conhecendo o princípio de base do nosso sistema de escrita é que as letras ou grupos de letra representam fonemas, em nossas escolas o primeiro objetivo do ensino da leitura é de fazer a criança descobrir, através de exercícios apropriados, o princípio alfabético, isso é o princípio de correspondência entre os fonemas e os grafemas. Esse princípio é produtivo, por o seu conhecimento permitir a leitura e a escrita de um número infinito de palavras conhecidas e desconhecidas a partir de um número pequeno de fonemas e grafemas.

Desse modo, descobrir o princípio alfabético implica inevitavelmente, tomar consciência dos fonemas e também começar a conhecer as letras e as correspondências entre grafemas e fonemas. Dezenas de estudos em muitos países têm mostrado que a consciência fonêmica e o conhecimento das letras e das correspondências constituem as variáveis que melhor predizem o sucesso na aprendizagem da leitura.

O longo processo de invenção da escrita também inclui a invenção de regras de alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito, e saber como o sistema da escrita funciona para saber usá-lo apropriadamente.

Segundo Magda Soares (2003, p.121),

O importante hoje é alfabetizar letrando, isto é, ensinar a ler e escrever a partir do contexto de práticas sociais para tornar o indivíduo, ao mesmo tempo alfabetizado (domínio do código escrito) e letrado (uso social da escrita).

Para FERREIRO (2004), na realidade, o processo de aprendizagem da leitura e da escrita comporta uma complexa articulação de processos conscientes e inconscientes. Os estudos mostram que, sem estimulação apropriada, a criança (ou a maioria delas) é incapaz de descobrir por si só a maneira como o sistema alfabético representa a linguagem oral. A tomada de consciência do princípio alfabético requer uma instrução adequada. Faltando a criança a consciência dos fonemas, a instrução direta do princípio alfabético é impossível. Assim o alfabetizador tem que propor a criança os materiais mais adequados para que ela possa efetuar sobre eles uma atividade mental de elaboração e verificação de hipóteses que conduza a descoberta do princípio.

A partir daí, o ensino das correspondências grafemas/fonemas de base pode e deve-se fazer de modo muito mais direto. A prática da leitura permite a criança prosseguir e completar o seu processo de alfabetização por meio de processos de aprendizagem implícitas e inconscientes.

CAPÍTULO II: A IMPORTANCIA DA ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO CICLO

A alfabetização de acordo com SOARES (2003), vem sendo tomada secularmente sob dois pontos de vista: como um processo de aquisição de habilidades que são requisitos para a leitura e a escrita ou, ainda, como a oportunidade que têm os indivíduos de representar e decodificar objetos de várias naturezas.

Para FERREIRO (2004), o mal entendido que parece estar na base da primeira perspectiva é que a alfabetização é algo que diz respeito apenas ao código escrito, têm na escolarização o seu controle e sua responsabilidade e, com, isso, a finitude e pode, portanto, ser descrita sob a forma de objetivos instrucionais. A alfabetização esta ligada a essas questões, mas necessita ser discutida como processo e, portanto como plenitude. Para isso faz-se necessário conceber a alfabetização como processo de simbolização, ou seja, o aprendiz construirá o que a escrita representa, no próprio desenvolvimento da alfabetização. A descrição dos objetivos a serem atingidos deve-se a uma necessidade de controle mais escolarização do que da alfabetização. De fato a alfabetização esta intimamente ligada à instrução formal e as praticas escolares, e é muito difícil lidar com essas varáveis separadamente.

Por esse motivo muitas vezes se descrevem o processo de alfabetização como se ele fosse idêntico aos objetivos que a escola se propõe enquanto lugar onde se alfabetiza.

A alfabetização, enquanto processo individual, não se completa nunca, visto que a sociedade está em contínuo processo de mudança, e a atualização individual para acompanhar essas mudanças é constante. Por exemplo, produzir ou decodificar significativamente um texto narrativo simples de uma cartilha ou manual didático, e um texto que descreve o funcionamento de um computador não constituem duas atividades iguais, do ponto de vista da alfabetização do mesmo individuo. Assim, talvez seja melhor não falar em alfabetização simplesmente, mas em graus ou níveis de alfabetização. O movimento do individuo dentro dessa escala de desempenho, apesar de inicialmente estar ligado à instrução escolar, parece seguir posteriormente um caminho que é determinado sobretudo pelas praticas sociais nas quais eles se engajar. (TFOUNI, 2000, p.15).

Na segunda concepção, apresentada sobre a alfabetização: o processo de representação. Dentro dessa perspectiva

Afirma que esse objetivo (a escrita) não deve ser tomado como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras, mas sim como um sistema de representação que evolui historicamente. Deste segundo modo é que ele deve ser focado no processo de alfabetização, isto é, não se deve privilegiar a mera codificação e decodificação de sinais gráficos no ensino da leitura / escrita, mas sim respeitar o processo de simbolização- e este a criança vai percebendo que a escrita representa, na medida do próprio desenvolvimento da alfabetização. (TFOUNI, 2000, p.17).

O que pode ser enfatizado, portanto, seriam os “aspectos construtivos” das produções infantis durante a alfabetização.

Segundo FERREIRO (2004), sabe-se que mesmo antes de a criança ir para a escola ela já opera com a linguagem oral, para interagir nas diversas situações da vida. Esta criança aprendeu a falar e a entender o que falam, passando por um processo de aquisição da linguagem gradativo e progressivo, sem que houvesse necessidade de sistematização de qualquer conteúdo da língua. Apenas expostas a uma cultura com determinada língua e interagindo, agindo e realizando ações com linguagem, a criança adquire saber. Complexas operações cognitivas de simbolização e formação de conceitos acontecem.

Mas, enquanto o processo de aquisição de linguagem oral não tem preocupado senão os lingüistas, o processo de aquisição da linguagem escrita tem sido objeto de estudo envolvido na educação.

Desde início da década de 80, segundo FERREIRA (2001), o ensino na escola tem sido o centro da discussão a cerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No ensino fundamental o eixo da discussão, no que se refere no fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que é esta a questão diretamente ligada á dificuldade que à escola tem de ensinar a ler e escrever.

Após pesquisar produzidas por lingüísticas independentes da tradição normativa e filológica e os estudos desenvolvidos em variações lingüísticas, entre outras possibilidades avanços nas áreas de educação e psicologia da aprendizagem, principalmente no que se refere à aquisição da escrita. Esse novo quadro de acordo com SOARES (2003), permitiu a emersão de um corpo coeso de reflexão e sobre a finalidade e os conteúdos do ensino.

Sob este segundo enfoque, então, segundo FERREIRO (2004), a alfabetização não é mais vista como sendo o ensino de um sistema gráfico que

equivale a sons. Um aspecto que tem ser considerado nessa nova perspectiva é que a relação, entre a escrita e a oralidade não é uma relação de dependência da primeira para a segunda, mas é antes uma relação de interdependência, isto é, ambos os sistemas de representações influenciam-se igualmente.

Nesse sentido, o processo de representação que o indivíduo deve aprender a dominar durante a alfabetização não é linear (som –grafema); é antes um processo complexo, que acompanha o desenvolvimento e que passa por estágios que vão desde a micro-dimensão, até um nível mais complexo. Temos então que a concepção que em geral se faz a respeito da aquisição da linguagem escrita (alfabetização) corresponde a um modelo linear e positivo de desenvolvimento segundo a qual a criança aprende a usar e decodificar símbolos gráficos que representam os sons da fala. A realidade no entanto, passa por outras variáveis, e vai desde a questão da escolarização, que ocorre em geral junto com a alfabetização até a consideração de que esse não é um processo linear, que envolve níveis de complexidade crescentes, em cada um dos diferentes objetos a serem contemplados e construídos pela criança. (TFOUNI, 2000, p.20).

É com que as crianças em suas primeiras aproximação com a alfabetização aprendam a reconhecer globalmente determinadas palavras, como seu nome, nome de familiares e produtos consumidos por ela.

Alfabetização é um processo de aprendizagem contínuo. É fazer com que o aluno se identifique com as pequenas coisas, para se tornar uma pessoa crítica e construtiva, buscando seu próprio conhecimento na leitura e na escrita.

Alfabetizar é desenvolver no alfabetizando a capacidade de compreensão do que lê e escreve, produzindo de acordo com a finalidade e a modalidade exigida.

FERREIRO (2004), nos remete um olhar histórico sobre a alfabetização no Brasil e revela sua trajetória e sucessivas mudanças conceituais e, conseqüentemente, metodológicas. Atualmente, parece que de novo estamos passando por uma dessas mudanças – é o que respondem os questionamentos a que vêm sendo submetidos os quadros conceituais e as práticas deles decorrentes que prevaleceram na área de alfabetização nas últimas duas décadas: pesquisa que têm identificado problemas nos processos e resultados de alfabetização de crianças no contexto escolar, insatisfações e inseguranças entre os alfabetizadores, perplexidade do poder público e da população diante da persistência do fracasso da escola em alfabetizar, evidenciada por avaliações nacionais e estaduais, vêm provocando críticas e motivando propostas de reexames das teorias e práticas atuais de alfabetização. Momento como este é desafiador, Propõe estimular a

revisão dos caminhos já trilhados e buscar novos caminhos e a proposta de soluções que representem desafios.

Busca-se esclarecer e relacionar os conceitos de alfabetização e letramento, conceito esse do termo: literacy, novas palavras surgem quando fatos novos também surgem ou quando compreendemos de outras formas os fenômenos.

Segundo SOARES (2003), o termo letramento surgiu recentemente, porque passamos a enfrentar uma nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever; devemos como leitor/escritor, saber responder as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.

É palavra de conceito recente, introduzidos na linguagem da educação e das ciências lingüísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizado da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização.

Ainda de acordo com SOARES (2003), os comportamento e práticas sócias de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas na e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar - no sentido tradicional- criança ou adulto. Em um primeiro momento, essa visibilidade traduziu-se ou uma adjetivação da palavra alfabetização – alfabetização funcional/ tornou-se expressão bastante difundida- ou em tentativas de ampliação do significado de alfabetização/alfabetizar por meio de afirmações como “alfabetizar não é apenas aprender a ler e escrever”, ou “alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar”, e outras semelhantes.

A insuficiência desses recursos para criar objetivos e procedimentos de ensino e aprendizagem que efetivamente ampliassem o significado de alfabetização, alfabetizar, alfabetizado é que pode justificar o surgimento da palavra letramento, consequência da necessidade de destacar claramente configurar, nomeando-os, comportamentos e práticas de uso do sistema de escrita, em situações sociais em que a leitura e a escrita estejam envolvidas.

Letramento e, pois, o resultado da ação de ensinar ou de escrever: o estado ou condição que se adquire um grupo social ou um sujeito como consequência de ter se apropriado da escrita. (SOARES, 2003, p. 39).

Podemos dizer que letramento é um processo, cuja natureza é sócio-histórica. Segundo VYGOTSKY (1984), citado por TFOUNI (2000, p. 22),

Letramento representa o coroamento de um processo histórico de transformação, diferenciação do uso de instrumentos mediadores. Representa também a causa da elaboração de formas sofisticadas do comportamento humanos que são os chamados processos mentais superiores”, tais como: raciocínio abstrato, memória ativa, resolução de problemas etc.

Segundo SOARES (2003), devido ao fato de o conceito de letramento ter sua origem em uma ampliação do conceito de alfabetização, esses dois processos têm sido freqüentemente confundidos e até mesmo fundidos. Assim, por um lado, é necessário reconhecer que a alfabetização- entendida como aquisição do sistema convencional de escrita- distingue-se do letramento- entendido como o desenvolvimento de comportamento e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distingue-se tanto em relação aos objetos do conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e lingüísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos.

Por outro lado, também é necessário reconhecer que embora distintos alfabetização e letramento sejam interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto das práticas sociais de leitura e escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; esse por sua vez só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

Uma análise das mudanças conceituais e metodológicas ocorridas aos longos da história do ensino da língua escrita no início da escolarização revela que, até os anos 80, o objetivo maior era alfabetização, isto é, enfatizava-se fundamentalmente a aprendizagem do sistema convencional da escrita.

SOARES (2003), nos alerta que em torno desse objetivo principal,/ métodos de alfabetização alternaram-se em um movimento pendular: ora a opção pelo princípio da síntese, segundo qual a alfabetização deve partir das unidades menores da língua – os fonemas- as sílabas – em direção a unidades maiores – a palavra – a frase- o texto (método fônico método – silábico); ora, a opção por princípio da análise, segundo o qual a alfabetização deve, ao contrário, partir das unidades

maiores e portadoras de sentido – a palavra – a frase- o texto, em direção as unidades menores (método de palavração, método de sentencição, método global).

Em ambas as opções, porém, a meta sempre foi à aprendizagem do sistema alfabético e ortográfico da escrita.

Assim, segundo FERREIRA (2001), pode-se dizer que até os anos 80 a alfabetização escolar no Brasil caracterizou-se por uma alternância entre métodos sintéticos e métodos analíticos mas sempre com os mesmos pressupostos – o de que a criança para aprender o sistema de escrita, dependeria de estímulos externos cuidadosamente selecionados ou artificialmente construídos – e sempre com o mesmo objetivo- o domínio do sistema , considerando condição e pré- requisito para a criança desenvolver sua habilidade de uso de leitura e escrita, isto é, primeiro aprender a ler e escrever, para só depois de vencida esta etapa atribuir complementos a essas etapas partir para leituras de textos, livros, escrever histórias, cartas etc.

Nos anos 80, a perspectiva psicogenética da aprendizagem da língua escrita, divulgada pela obra e atuação formativa de Emília Ferreiro (2004), já descrita anteriormente), sob a denominação de Construtivismo, onde trouxe uma significativa mudança de pressupostos e objetivos na área de alfabetização, porque alterou profundamente a concepção do processo de aprendizagem do sistema de escrita e práticas efetivas de leitura e de escrita.

FERREIRA (2004), nos relata que essa mudança pragmática permitiu identificar e explicar o processo através do qual a criança constrói o conceito de língua escrita como um sistema de representação de sons da fala por sinais gráficos, ou seja, o processo pelo qual a criança torna-se alfabética, por outro lado como consequência disso, sugeriu as condições em que mais adequadamente se desenvolve esse processo, revelando o papel fundamental de interação intensa e diversificada da criança com prática e materiais reais de leitura e escrita fim de que ocorra o processo de conceitualização da língua escrita.

Segundo SOARES (2003), o foco do processo de conceitualização da língua escrita pela criança e a ênfase na importância de sua interação com práticas de leitura e escrita como meio para provocar e motivar esse processo tem subestimado, na prática escolar da aprendizagem inicial da língua escrita, o ensino sistemático

das relações entre a fala e a escrita, de que se ocupa a alfabetização, tal como anteriormente definida.

E segundo FERREIRA (2004) e SOARES (2003), como consequência de o construtivismo ter evidenciado processos espontâneos de compreensão da escrita pela criança, ter condenado os métodos que enfatizavam o ensino direto e explícito do sistema da escrita e, sendo fundamentalmente uma teoria psicológica, e não pedagógica, não ter proposto uma metodologia de ensino, os professores foram levados a supor que apesar de sua natureza convencional e com frequência arbitrária, as relações entre a fala e a escrita seriam construídas pela criança de forma incidental e assistemática, como decorrência natural de sua interação com inúmeras e variadas práticas de leitura e escrita, ou seja, através de atividades de letramento, prevalecendo, pois, sobre as atividades de alfabetização.

É sobre essa ausência de ensino direto, explícito e sistemático da transferência de cadeias sonoras da fala sobre a forma gráfica da escrita tem motivado as críticas que atualmente vem sendo feitas ao Construtivismo. Além disso, é ela que explica por que vem surgindo, surpreendentemente, proposta de retorno a um método fônico como solução para os problemas que estamos enfrentando na aprendizagem inicial da língua escrita pelas crianças.

Porém, não é retornando ao passado já superado e negando avanços teóricos incontestáveis que estes problemas serão esclarecidos e resolvidos. Por outro lado ignorar ou recusar as críticas aos atuais pressupostos teóricos, e a insuficiência das práticas dele decorridas é permanecer no fracasso.

CAPÍTULO III

3.0 METODOLOGIA

Num primeiro momento traremos a metodologia utilizada para a confecção do trabalho e, a seguir apresentaremos relatos de alguns professores, imagens representando a pesquisa de campo. Esta monografia tem o intuito de aprimorar conhecimento sobre as dificuldades de aprendizagem encontradas principalmente nas series iniciais.

3.1 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

O trabalho será desenvolvido com três professoras e suas respectivas turmas do primeiro ciclo, período matutino da instituição Municipal Governador Fragelli localizada na comunidade AR2 no Município de Aripuanã-MT, para, então, analisar e refletir sobre o que tem sido feito pelos professores com relação as dificuldades de aprendizagem encontradas, a fim de proporcionar o pleno desenvolvimento social, intelectual e emocional de cada criança, refletindo principalmente sobre a importância da interação professor/aluno, aluno/aluno entre outros.

Para a realização desta pesquisa foi elaborado um questionário com entrevista aberto semi estruturado com aproximadamente cinco questões onde as professoras pudessem responder com objetividade o que lhe foi perguntado. Os nomes aqui citados serão fictícios a fim de preservar a identidade da pessoa que participou da entrevista. Os professores citados serão: Jocilda, Maria e Eduarda.

A pesquisa acontecerá durante os meses de maio, junho, julho e agosto de 2013 estando em campo 2 (duas) vezes na semana e utilizando recursos como: máquina fotográfica, conversa informal, participação em atividades teatrais, jogos pedagógicos e também em contação de histórias de diversos gêneros literários dando enfoque sobre as dificuldades encontradas para proporcionar uma aprendizagem significativa dos mesmos.

O trabalho aqui exposto tem o intuito de buscar algumas soluções para as problemáticas existentes nesse meio, tendo como primeira questão o seguinte:

Qual é a maior dificuldade que os alunos possuem na aquisição da aprendizagem?

Professora Jocilda relata *“A maior dificuldade é a falta de interesse por parte de alguns alunos pelo estudo e isto dificulta bastante o trabalho principalmente na Alfabetização.”*

Professora Maria *“A falta de estímulo, o desinteresse dos mesmos, dentre muitos outros fatores.”*

Professora Eduarda *“Falta um pouco mais de colaboração, alunos, professores e pais, visto que a aprendizagem acontece por meio da interação. Alguns alunos têm dificuldade na escrita outros na leitura e, no entanto precisamos da colaboração dos pais para que seus filhos aprendam realmente.”*

Imagem 01: Alunos motivados aulas produtivas!



Fonte: SILVA, Aripuanã/MT, 2013.

Além desses fatores, não se pode deixar de levar em conta níveis econômicos e culturais em que o grupo familiar da criança se encontra, bem como o tipo de escola que freqüenta, uma vez que, que se forem bem entendidas e encaminhadas às dificuldades de aprendizagem, as crianças/alunos podem ter assegurado uma relação muito mais harmônica, coerente e saudável com o conhecimento.

Na literatura encontram-se várias referências quanto à importância do meio familiar no processo de aprendizagem da criança. Segundo MARTURANO (1998), a influência do ambiente familiar no aprendizado escolar é amplamente reconhecida. Porém, não se deve atribuir a ela toda a carga de responsabilidade pelo

desempenho escolar do aluno. As características da criança e a escola também influenciam.

É também muito importante ressaltar que equipes multidisciplinares, compostas por Psicopedagogos, Psicólogos, Fonoaudiólogos, Professores e demais profissionais envolvidos, cada vez mais, se colocam a serviços de casos e problemas de aprendizagem, colaborando para que as crianças encaminhadas possam desfrutar plenamente de sua cidadania.

Qual a contribuição da gestão escolar para facilitar este processo de ensino e aprendizagem?

Professora Jocilda *“Na escola contamos com o apoio de uma coordenadora local, mas sempre que possível contamos com a colaboração de uma coordenadora geral e uma diretora que atende as escolas do campo que são lotadas no quadro da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. As mesmas buscam estar informadas e contribuem sempre que possível trazendo apostilas, fichas de leituras, livros de literatura infantil entre outros, para facilitar o processo de aprendizagem dos mesmos.”*

Professora Maria *“A gestão escolar sempre contribui para o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos, tomam leitura, buscam atividades diferenciadas, tem apostilas como apoio pedagógico ao professor entre outros.”*

Professora Eduarda *“A gestão escolar sempre que possível contribui para a aprendizagem dos alunos, através de reuniões com os pais para procurar trazê-los a participar mais da vida escolar de seus filhos, busca atividades diferenciadas para o trabalho na sala de aula, confecção de apostilas como apoio pedagógico, compra diferentes livros para propormos um trabalho diferenciado etc.”*

Imagem 02: Diferentes tipos de literatura



Fonte: SILVA, Aripuanã/MT, 2013.

No que se refere à legislação, a Constituição Federal, em seu artigo 205, afirma que “a educação é direito de todos e dever do Estado e da família”. No título II, do artigo 1º da LDB, a redação é alterada para “a educação é dever da família e do Estado”, mudando a ordem de propriedade em que o termo família aparece antes do termo Estado. Se a família passa a ter uma maior responsabilidade com a educação, é necessário que as instituições família/escola mantenham uma relação que possibilite a realização de uma educação de qualidade.

Este ano de 2013 foram entregues na escola livros com leituras diversificadas através do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, bem como jogos de alfabetização e isso contribuiu e muito no interesse das crianças.

Existe algum programa implantado pelo MEC que esta contribuindo ou já contribuiu para a sua prática pedagógica? Qual?

As três professoras relatam parecidas com a professora Eduarda *“Sim, vários programas implantados pelo governo federal nos ajudou bastante na prática pedagógica, este ano estamos estudando o PACTO Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e este esta sendo de grande importância para o trabalho em sala de aula, nunca se viu antes o governo investindo tanto em materiais de Educação agora temos de retribuir com números.”*

Imagem 03: Trabalho sobre gêneros textuais para o PACTO.



Fonte: SILVA, Aripuanã/MT, 2013.

O trabalho com diferentes gêneros textuais proporcionou uma melhor compreensão sobre o tema facilitando assim esse trabalho na prática na escola. Os professores passaram a trabalhar esses diferentes gêneros textuais para facilitar a aprendizagem dos alunos de maneira significativa.

Para a compreensão das possíveis alterações no processo de aprendizagem é necessário considerar-se tanto as condições internas do organismo (aspecto anátomo-funcional e cognitivo), quanto às condições externas (estímulos recebidos do meio-ambiente) ao indivíduo. Fatores como linguagem, inteligência, dinâmica familiar, afetividade, motivação e escolaridade, devem desenvolver-se de forma integrada para que o processo se efetive (ROGERS, 1978).

Na seqüência será exposto Como é a contribuição da família do campo na aprendizagem dos filhos? Ótima, Boa ou Ruim?

As três professoras relataram que na instituição observada à família tem um bom desempenho na vida escolar dos filhos, somente alguns pais que não são presentes.

Imagem 04: Utilização de jogos



Fonte: SILVA, Aripuanã/MT, 2013.

O papel da emoção também é fundamental para a aprendizagem, pois os sentimentos regulam e estimulam a formação e vocação de memória. São eles que provocam a produção e a interação de hormônios, fazendo com que os estímulos nervosos circulem mais nos neurônios. Ensinar os alunos a reconhecer suas emoções, saber categorizá-las e comunicá-las, ajudá-los a serem mais confiantes e conseqüentemente fortalece sua auto-estima, o que é de suma importância para a aprendizagem.

Vários comportamentos manifestados pelas mães também levam a questionar a respeito da influência familiar sobre a aprendizagem. Segundo MARTURANO (1998), há mães que demonstram excessiva ansiedade quanto a superação da dificuldade da criança; outras que se mostram impacientes quanto ao desempenho insatisfatório que o filho apresenta; mães que atribuem todo o

problema à criança e a caracterizam como “preguiçosa”, “lerda”, “distraída”; mães que negam a dificuldade que a criança demonstra; mães que não acompanham as atividades de seu filho e mães que punem a criança pela seu fracasso nas atividades escolares. Isso acontece pelo fato de os pais desconhecerem como ocorre a aprendizagem e, portanto, necessitam de orientações específicas a esse respeito.

Sabe-se, também, que, muitas vezes, os conflitos familiares estão associados a essas manifestações e que as relações familiares são relevantes no desenvolvimento da criança, havendo, portanto, a necessidade de maior compreensão desse processo, por parte dos profissionais, para que possam intervir de forma mais abrangente diante da problemática.

Que estratégias você enquanto educador esta buscando para facilitar a aprendizagem desses alunos?

Professora Jocilda *“Através de atividades lúdicas, jogos pedagógicos, muitas leituras diversificadas, muita dinâmica entre outras.”*

Professora Maria *“Estou aprendendo diferentes metodologias de trabalhar os diferentes gêneros textuais através de uma leitura, trabalho com jogos do MEC, Jogos confeccionados por mim e pelos alunos, ou seja, através de atividades lúdicas e interessantes ao aluno.”*

Professora Eduarda *“Utilizo diferentes metodologias para facilitar o trabalho de aprendizagem dos alunos, como jogos, brincadeiras, teatros, fantoches, atividades que envolvam e atraem os alunos.”*

Imagem 05: Peça teatral com fantoches



Fonte: SILVA, Aripuanã/MT, 2013.

Acredita-se que um programa de intervenção familiar seja de fundamental importância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. O relacionamento familiar, a disponibilidade e interesse dos pais na orientação educacional de seus filhos, são aspectos indispensáveis de ajuda à criança. Em um trabalho de orientação a pais, de acordo com Polity (1998), é possível despertar a sensibilidade dos mesmos para a importância destes aspectos, dando-lhes a oportunidade de falar sobre seus sentimentos, expectativas, e esclarecendo-lhes quanto às necessidades da criança e estratégias que facilitam o seu desenvolvimento.

O cérebro funciona em módulos cooperativos, que se ajudam na hora de elaborar informações. Quanto mais caminhos levarem a elas, mais fácil será o resgate. Se um conceito estiver ligado simultaneamente a uma imagem e a um som, pelo menos três áreas diferentes do cérebro trabalharão para recuperá-lo, por isso, inventar uma imagem simbólica – associar conceitos e formas, palavras a sons, cores a significados e assim por diante- é um hábito extremamente saudável. Sair do concreto faz com que determinadas informações sejam guardadas sob várias chaves, como se fossem fichas de armazenamentos, oferecer mecanismos, estratégias e estimular cada aluno a criar as próprias associações para os conteúdos que devem ser armazenados, é nossa tarefa como professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem da língua escrita tem sido objeto de pesquisas e estudo de várias ciências nas últimas décadas, cada um dela busca privilegiar um método de ensino.

O método fônico, que envolve o desenvolvimento da consciência fonológica, imprescindível para que a criança tome consciência da fala como um sistema de sons e compreenda o sistema de escrita como um sistema de representações desses sons, e a aprendizagem das relações fonema-grafema e demais conversões de transferência da forma sonora da fala para a forma gráfica de escrita; o método da leitura fluente, que exige o reconhecimento de palavra e sentenças, a forma da leitura compreensiva que supõe ampliação de vocabulário e desenvolvimento como interpretação, avaliação, inferências, entre outras; a identificação e o uso adequado de diferentes funções da escrita, dos diferentes portadores de texto, dos diferentes gêneros de texto etc.

Para termos avanços no processo de alfabetização, nossa prática deve ser fundamentada por teorias de aprendizagem, princípios fonéticos e fonológicos, princípios lingüísticos, psicolingüísticos e sociolingüísticos, teorias de leitura, teorias de produção textual, teorias do texto e do discurso, entre outras.

Conseqüentemente, cada uma dessas facetas exige metodologias de ensino específica, de acordo com sua natureza, algumas dessas metodologias caracterizadas por ensino direto e explícito, como é o caso da discussão que se volta à alfabetização, outras caracterizadas por ensino muitas vezes incidental e indireto, porque dependente da possibilidade e motivação das crianças, bem como das circunstâncias e do contexto em que se realize a aprendizagem, como é a faceta que se caracteriza como letramento.

As tendências tem sido privilegiar na aprendizagem inicial da língua escrita apenas uma de suas várias facetas e, por conseqüências, apenas uma metodologia: assim fazem os métodos hoje considerados como “tradicionais” que, como já foi escrito, voltam-se predominantemente como faceta fônica, isto é, para o ensino e aprendizagem do sistema de escrita; por outro lado assim também tem feito o chamado “construtivismo”, que se volta predominantemente para as facetas

referentes ao letramento, privilegiado o envolvimento da criança com a escrita e suas diferentes funções.

Nos conhecimentos que atualmente esclarecem tanto os processos de aprendizagem quanto aos objetos da aprendizagem da língua escrita, e as relações entre aqueles e estes, evidenciam que privilegiar um ou outro aspecto, subestimando ou ignorando outros, é um descaminho no ensino e na aprendizagem da língua escrita, mesmo na sua etapa inicial. Devido a isso temos fracassos no ensino e aprendizagem.

O caminho para esse ensino aprendizagem é a articulação de conhecimentos e metodologias fundamentados em diferentes ciências e sua tradução em uma prática docente que integre as várias faces, articulando a aquisição do sistema de escrita, que é favorecida por ensino direto, compreendido como sendo o processo de alfabetização.

Interagir e articular retoma a afirmação anterior aos dois processos -são, no estado atual do conhecimento sobre a aprendizagem inicial da língua escrita, indissociável, simultânea e interdependentes: a criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e escrita.

Esse alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pela interação e pela articulação das várias faces do processo inicial da língua escrita, é sem dúvidas o caminho para a superação dos problemas que temos enfrentando nesta etapa da escolarização é preciso que professores tenham uma visão mais clara sobre o papel principal da escola na promoção do letramento/alfabetização das crianças/ pessoas da sociedade.

A leitura e a escrita não podem de objeto de atenção somente dos professores Alfabetizadores e de Língua Portuguesa, como ferramenta essencial para aprender grande parte dos conteúdos escolares e continuar aprendendo ao longo da vida, a linguagem escrita deve ser tomada como um eixo articulador de todo o currículo da Educação Básica.

As leituras de professores e estudantes não podem se limitar aos livros didáticos, pois uma variedade enorme de tipos de leitura faz parte da cultura letrada na qual os estudantes precisarão participar com autonomia e flexibilidade, onde o processo de alfabetização/letramento se concretize e só assim poderemos viver sem as dificuldades de aprendizagem que tanto são discutidas em nosso país.

O que a Pedagogia reclama é uma teoria do desenvolvimento humano que possa explicar como o sujeito constrói o conhecimento ao agir no mundo em interação com outros sujeitos. A interpretação minuciosa desse processo intersubjuntivo é fundamental para que a teoria pedagógica consiga elaborar melhor o significado que a escola tem como instituição social a quem se atribui a função específica de educar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BONAVIDES, Paulo. **Ciência política**. 12. ed. São Paulo: Malheiros, 2006.

BOSSA, Nádia. **Dificuldades de aprendizagem**: o que são e como tratá-las. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

CARVALHO, Sumaya Persona de, **Dificuldades na aprendizagem**. Cuiabá: UFMT, 2000.

_____. **Interação professor e aluno, programa de aceleração da aprendizagem**. Cuiabá: UNIC, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o ba-bé-bí-bó-bú**. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. Trad. Marisa do Nascimento Paro e Sara Cunha Lima. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Alfabetização e cultura escrita. Entrevista concedida à Denise Pellegrini In **Nova Escola – A revista do Professor**. São Paulo, p. 27 – 30, maio 2004,.

FLETCHER. Jack M. **Transtornos de aprendizagem**: da identificação a intervenção. Trad. Ronaldo Cataldo Costa . Porto Alegre. Artmed, 2009.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Dificuldade de aprendizagem na alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LIMA, Reginaldo Naves de, **Contatos matemáticos de primeiro grau**. Cuiabá: UFMT, 2003. fasc. I.

MARTURANO, E. M. **Ambiente familiar e aprendizagem escolar**. In: FUNAYAMA, C. A. (Org.). **Problemas de aprendizagem**: enfoque multidisciplinar. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento para os distúrbios de aprendizagem**, Porto Alegre: Arte Médicas, 1985.

POLITY, E. **Pensando as dificuldades de aprendizagem à luz das relações familiares**. In: POLITY, E. **Psicopedagogia**: um enfoque sistêmico. São Paulo: Empório do livro, 1998.

REVISTA Nova Escola: jan./fev., Vol.03, p. 28, abr. 2001.

ROGERS, C. **O tratamento clínico da criança-problema.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar:** o problema escolar de aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Magda, **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

_____. As muitas facetas na alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**, 52, 1985

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VYGOTSKY. L.S. **Pensamento e linguagem.** Rio de Janeiro: Martins fontes. 1989.